



☀ POESIAS COMPLETAS ☀

VOLUME 1



MÁRIO DE ANDRADE

POESIAS COMPLETAS



POESIAS COMPLETAS

*Edição de texto apurado, anotada e acrescida de
documentos por
Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez*



VOLUME 1

NOVA FRONTEIRA | RIO DE JANEIRO 2013



SUMÁRIO

VOLUME 1 - POESIAS COMPLETAS

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Poesias completas, um livro multifário](#)



[Pauliceia desvairada](#)

["A Mário de Andrade"](#)

[Prefácio interessantíssimo](#)

[Inspiração](#)

[O trovador](#)

[Os cortejos](#)

[A escalada](#)

[Rua de São Bento](#)

[O rebanho](#)

[Tietê](#)

[Paisagem nº 1](#)

[Ode ao burguês](#)

[Tristura](#)

[Domingo](#)

[O domador](#)

[Anhangabaú](#)

[A caçada](#)

[Noturno](#)

[Paisagem nº 2](#)

[Tu](#)

[Paisagem nº 3](#)

[Colloque sentimental](#)

[Religião](#)

Paisagem nº 4

As Enfibraturas do Ipiranga



Losango cáqui ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão

Advertência

I “Meu coração estrala.”

II Máquina-de-escrever

III “- Mário de Andrade!”

IV “Soldado-raso da República.”

V ““- Escola! Sen... tido!”

VI “Queda pedrenta da ladeira.”

VII “Que sono!”

VIII ““- Escola! Alto!”

IX “Careço de marchar cabeça levantada”

X Tabatinguera

XI “O sargento com esses acelerados”

XII “Aquele bonde...”

XIII “Seis horas lá em S. Bento.”

XIV O “Alto”

XV “Abro tua porta inda todo úmido do orvalho da manhã.”

XVI “Conversavam”

XVII “Mário de Andrade, intransigente pacifista [...]”

XVIII “Cabo Alceu é um manguari guaçu”

XIX “Marchamos certos em reta pra frente.”

XX “Cadência ondulada suave regular.”

XXI A menina e a cantiga

XXII “A manhã roda macia a meu lado”

XXIII “De nada vale inteligência.”

XXIV A escrivaninha
XXV “Sou o ‘base’.”
XXVI “- Escola, olhe essa palestra!”
XXVII A menina e a cabra
XXVIII Flamingo
XXIX “Enfim no bonde pra casa.
XXX Jorobabel
XXXI Cabo Machado
XXXII As moças
XXXIII “Meu gozo profundo ante a manhã sol”
XXXIII (bis) Platão
XXXIV Louvação da Emboaba Tordilha
XXXV “‘Meu coração estrala’...”
XXXVI “Como sempre, escondi minha paixão.”
XXXVII “Te gozo!...”
XXXVIII “Manhã veraneja, manhã que dá sustância,”
XXXIX Parada
XL “Não devia falar ‘meu coração estrala’.”
XLI Toada sem álcool
XLII Rondó das tardanças
XLIII “Desincorporados.”
XLIV Rondó do tempo presente
XLV Toada da esquina



Clã do jabuti

O poeta come amendoim

Carnaval carioca



Coordenadas

Rondó pra você

Viuvita
Lembranças do Losango cáqui
Sambinha
Moda dos quatro rapazes
Moda do Brigadeiro
Acalanto da pensão azul
Soneto do Homem Morto

Noturno de Belo Horizonte



O ritmo sincopado

Arraiada
Toada do Pai-do-Mato
Tempo das águas
Poema
Tostão de chuva
Lenda do céu
Coco do Major
Moda da cadeia de Porto Alegre
Paisagem nº 5
Moda da cama de Gonçalo Pires



Dois poemas acreanos

I Descobrimento
II Acalanto do seringueiro



Remate de males

Eu sou trezentos...
Danças



Tempo da maria

I Moda do corajoso
II Amar sem ser amado, ora
pinhões!
III Cantiga do ai

IV Lenda das mulheres de peito
chato

V Eco e o Descorajado

VI Louvação da tarde

VII Maria

☀ ☀ Poemas da negra

I “Não sei por que espírito antigo”

II “Não sei se estou vivo...”

III “Você é tão suave,”

IV “Estou com medo...”

V “Lá longe no sul,”

VI “Quando”

VII “Não sei porque os tetéus gritam
tanto esta noite...”

VIII “Nega em teu ser primário a
insistência das coisas,”

IX “Na zona da mata o canavial
novo”

X “Há o mutismo exaltado dos
astros,”

XI “Ai momentos de físico amor,”

XII “Lembrança boa,”

☀ ☀ Marco de viração

Aspiração

Louvação matinal

Improviso do rapaz morto

Momento

Ponteando sobre o amigo ruim

As bodas montevidéanas

A adivinha

Improviso do mal da América

Manhã
Momento
Pela noite de barulhos espaçados...

  Poemas da amiga

I “A tarde se deitava nos meus olhos”

II “Se acaso a gente se beijasse uma vez só...”

III “Agora é abril, ôh minha doce amiga,”

IV “Ôh trágico fulgor das incompatibilidades humanas!”

V “Contam que lá nos fundos do Grão Chaco”

VI “Nós íamos calados pela rua”

VII “É hora. Mas é tal em mim o vértice do dia”

VII (bis) “É uma pena, doce amiga,”

VIII “Gosto de estar a teu lado,”

IX “Vossos olhos são um mate costumeiro.”

X “Os rios, ôh doce amiga, estes rios”

XI “A febre tem um vigor suave de tristeza,”

XII “Minha cabeça pousa nos seus joelhos,”

 A costela do grã cão

Canto do mal-de-amor

Reconhecimento de Nêmesis

Mãe

Lundu do escritor difícil

Melodia Moura

Momento

Toada

☀ ☀ Grã cão do outubro

I Vinte e nove bichos

II Os gatos

III Estâncias

IV Poema tridente

V Dor

Quarenta anos

Momento

Brasão

Soneto

As cantadas

Luar do Rio

Canção

☀ Livro azul

Rito do irmão pequeno

Girassol da madrugada

O grifo da morte

☀ O carro da miséria

☀ Lira paulistana

“Minha viola bonita,”

“São Paulo pela noite.”

“Garoa do meu São Paulo,”

“Vaga um céu indeciso entre nuvens cansadas.”

“Ruas do meu São Paulo,”

“Abre-te boca e proclama”

“Esse homem que vai sozinho”

“O disco terminara [...]”
“O bonde abre a viagem,”
“Eu nem sei se vale a pena”
“O céu claro tão largo, cheio de calma na tarde,”
“Tua imagem se apaga em certos bairros,”
“Numa cabeleira pesada”
“Na rua Barão de Itapetininga”
“Beijos mais beijos,”
“Silêncio em tudo. Que a música”
“Bailam em salto”
“A catedral de São Paulo”
“... os que esperam, os que perdem”
“Agora eu quero cantar”
“Na rua Aurora eu nasci”
“Vieste dum futuro selvagem,”
“Moça linda bem tratada,”
“Quando eu morrer quero cantar”
“Num filme de B. de Mille”
“Entre o vidrilho das estrelas dúbias,”
“Nunca estará sozinho.”
A meditação sobre o Tietê
“Nasceu Luís Carlos no Rio”

 Café

  Café: Concepção melodramática

  Café: tragédia coral em três atos

Primeiro ato: Primeira cena |_porto
parado

I Coral do queixume

II Madrigal do truço

III Coral das Famintas

IV Imploração da fome

Segunda cena | “companhia cafeeira S.A.”

I Coral do provérbio

II A discussão

III Coral do abandono

Segundo ato: Primeira cena | “câmara-balé”

I Quinteto dos serventes

II A embolada da ferrugem

III A endeixa da Mãe

Segunda cena | o êxodo

I Coral puríssimo

II Mimodrama

III Coral da vida

IV Coral do êxodo

Terceiro ato: O dia novo

I 1º Parlato do rádio

II Cânone das assustadas

III Estância de combate

IV Estância da revolta

V Fugato coral

VI 2º Parlato do rádio

VII Grande coral de luta

VIII O Rádio da Vitória

VIII (bis).

[IX Hino da fonte da vida](#)

[Texto de orelha](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Texto de quarta capa](#)

© 2013 by titulares dos direitos autorais de
Mário de Andrade.

Produzido em conjunto com a Equipe Mário de Andrade do Instituto de Estudos
Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), coordenada por Telê Ancona
Lopez

Projeto gráfico e direção de arte
Ana Luisa Scorel | Ouro sobre Azul

Assistência de projeto
Erica Leal | Ouro sobre Azul

Capa
Ana Luisa Scorel | Ouro sobre Azul

Uma releitura da pintura atribuída a Guilherme de Almeida, para a capa de
Pauliceia desvairada | Edição do autor na gráfica da Casa Mayença | São Paulo,
1922.

Revisão
Ângelo Lessa
Leandro Raniero Fernandes
Marleide Anchieta
Sabrina Primo

Editoras
Janaína Senna
Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção de ebook
S2 Books

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 | Bonsucesso
CEP 21042 235 | Rio de Janeiro RJ Brasil
T 21 3882 8200 | F 21 3882 8212 | 3882 8313

CIP BRASIL | CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Andrade, Mário de, 1893-1945
Poesias completas
Mário de Andrade | edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013

ISBN 978 85 209 3612 2

1. Poesia brasileira | I. Título

07 1631

CDD 869 93
CDU 821 134 3 (81) 3

[1] Reflexão de Goethe, em *Wilhelm Meister*, colhida por MA no livro de Renato Almeida, *Fausto: ensaio sobre o problema do ser* (Rio de Janeiro: Editores Anuário do Brasil, 1922, p. 179), e registrada em seu *Fichário analítico* (ficha nº 3.423). Documento na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor (IEB-USP).

[2] CONCHE, Marcel. *L'Aléatoire*. Limoges: Éditions de Mégare, 1989, p. 102-103.

[3] A carta ao compositor Camargo Guarnieri, escrita no Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 1940, conta a resolução de regressar a São Paulo; a que MA destina, da capital paulista, a Henriqueta Lisboa, em 14 de fevereiro de 1941, convalida a volta, em janeiro (V. TONI, Flávia (Org.). "Correspondência Camargo Guarnieri - Mário de Andrade". In: SILVA, Flávio (Org.). *Camargo Guarnieri: o tempo e a música*. São Paulo: FUNARTE/Imprensa Oficial, 2001; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. Estabelecimento do texto: Maria Silvia Ianni Barsalini. São Paulo: IEB-USP/Edusp/Peirópolis, 2010).

[4] SOUZA, Eneida Maria de (Org.). Op. cit., p. 113.

[5] Dirigida por Sérgio Milliet, Plácido e Silva e Luís Martins, a coleção Caderno Azul, ligada à Editora Guaíra, de Curitiba, abre-se, em 1941, com o livro de Mário, *Música do Brasil*, reunindo os ensaios **E**VOLUÇÃO SOCIAL DA MÚSICA BRASILEIRA e **D**ANÇAS

DRAMÁTICAS IBERO-BRASILEIRAS.

[6] Carta publicada no *Jornal do Brasil* em 24 de novembro de 1983; fotocópia acrescentada ao Arquivo Mário de Andrade (IEB-USP).

[7] Entrevistado por Telê Ancona Lopez em 1977, a propósito da publicação de *Macunaíma*, em 1944, nas Obras Completas, José de Barros Martins relatou que essa coleção viera de uma verba inesperada recebida por sua Livraria Martins Editora e que ele apostara na importância da produção de Mário de Andrade no futuro.

[8] MA falou, a convite da Casa do Estudante do Brasil, no salão de conferências da biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no Palácio Itamaraty, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 30 de abril de 1942. A sessão foi presidida por Carlos Drummond de Andrade.

[9] Os exemplares de trabalho fazem parte de dossiês na série Manuscritos Mário de Andrade.

[10] As anotações do escritor, em seu exemplar de trabalho da 1ª edição de *Clã do jabuti* (São Paulo: Ed. do Autor no Estabelecimento Gráfico Eugenio Cupolo, 1927), restringem-se à correção do erro tipográfico "morte", em vez de "morto", no poema **C**OCO DO **M**AJOR, e à indicação de títulos de críticas jornalísticas do momento da publicação da obra; "Festa nº 1, nota de Andrade Muricy/ *Crítica*, nº 2, nota de Tasso da Silveira".

[11] **V**. **D**OSSIÉ: EDIÇÕES E MANUSCRITOS, 1. **M**ATÉRIA CONCERNENTE AOS LIVROS PUBLICADOS POR **M**ÁRIO DE **A**NDRADE.

[12] MA refere-se ao **C**ANTO DO MAL DE AMOR.

[13] A carta datada de 14 de setembro de 1940 é, de fato, um ensaio, publicado em ALVARENGA, Oneyda (Org.). *Cartas Mário de Andrade/Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 266-298.

[14] *Ibid.*, p. 301.

[15] GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Org.). *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 28.

[16] V. ANDRADE, Mário de. FAZER A HISTÓRIA. *Mundo Musical, Folha da Manhã*. São Paulo, 24 de agosto de 1944 (série Manuscritos Mário de Andrade, IEB-USP).

[17] V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS.

[18] Do poema EU SOU TREZENTOS... em *Remate de males*.

[19] V. o dossiê de *Amar, verbo intransitivo*, na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, e a edição da obra com o estabelecimento do texto por Marlene Gomes Mendes (Rio de Janeiro: Agir, 2008).

[20] V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª. ed. São Paulo: IEB-USP/Edusp, 2001, p. 213.

[21] V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 4. POEMAS NA MARGINÁLIA E EM DOSSIÊS DE MANUSCRITOS, nesta edição.

Rosângela Asche de Paula, em seu artigo SÁMBINHA OU O EXPRESSIONISMO NA CRIAÇÃO POÉTICA (*D. O. Leitura*, ano 21, nº 10. São Paulo, outubro de 2003, p. 46-52), estuda a gênese desse poema.

[22] ANDRADE, Mário de. SÁMBINHA. *A Revista*, ano 1, nº 3. Belo Horizonte, setembro de 1925, p. 13.

[23] V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 4. POEMAS NA MARGINÁLIA E EM DOSSIÊS DE MANUSCRITOS, nesta edição.

[24] Versão completa significa texto fechado unicamente para os pósteros. Se a vida lhe houvesse dado mais tempo, Mário de Andrade provavelmente teria rasurado seus textos. O emendar até o prelo e mesmo depois, nos exemplares de trabalho, é marca da escritura mariodeandradiana.

[25] FERNANDES, Lygia (Org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José, s.d., p. 52-53.

[26] Na INTRODUÇÃO da ópera *Café*.

[27] As datas acham-se nos manuscritos do poema.

[28] GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Org.). Op. cit., p. 46; instaurado em 1937, o Estado Novo de Getúlio Vargas foi extinto em 1945, após a morte do escritor.

[29] O ensaio está no DOSSIÊ: EDIÇÕES E MANUSCRITOS: 2. MATÉRIA CONCERNENTE A OBRAS PÓSTUMAS.

[30] SOUZA, Eneida Maria de (Org.). Op. cit., p. 289-290.

[31] Ibid., p. 290-291.

[32] MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 243.

[33] ANTELO, Raúl (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 155.

[34] ALVARENGA, Oneyda (Org.). POESIAS MALDITAS. *Revista do Livro*, ano 5, nº 20. São Paulo, dezembro de 1960, p. 69-103; conjunto republicado em *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

[35] UM IMPORTANTE EMPREENDIMENTO EDITORIAL. Começaram a ser publicadas este ano as Obras Completas de Mário de Andrade, as quais se compõem de dezenove volumes. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1944, documento na série Matéria extraída de periódicos no arquivo do escritor (IEB-USP). Inspirado em

Schumann, Mário de Andrade cria sua “ilustração literária”, em prosa, para a suíte infantil *Cinco aquarelas* de Savino de Benedictis, editada em 1925.

[36] Em seu estudo **R**ESTITUINDO *Obra imatura*, Aline Nogueira Marques, preparadora do texto fidedigno desse livro de Mário de Andrade, recolhe informações fundamentais sobre esse volume (Rio de Janeiro: Agir, 2010, p. 11-35).

[37] ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Ed. org. por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 110-114; documento transcrito de *Leitura*, nº 14. Rio de Janeiro, jan. 1944.

[38] ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Ed. cit., p. 111.

[39] Cabe lembrar que, na exploração do tema do soldado, ecoa, entre as matrizes, determinada poesia do expressionismo alemão ligada à Primeira Guerra Mundial, como estuda Rosângela Asche de Paula, bolsista da FAPESP, em sua tese de doutoramento *O expressionismo na biblioteca de Mário de Andrade: da leitura à criação* (FFLCH-USP, 2007, orientadora: Telê Ancona Lopez).

[40] Aline Novais de Almeida, bolsista da FAPESP, desenvolve atualmente seu projeto para o mestrado na FFLCH-USP, *A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*: edição genética, orientada por Telê Ancona Lopez.

[41] Os pesquisadores ofereceram poemas inéditos com que eventualmente se depararam no desenvolvimento de seus respectivos projetos. Marcos Antonio de Moraes abriu, para a edição, sua pesquisa *Correspondência reunida de Mário de Andrade*: reunião de cartas dispersas, reordenação e classificação arquivística da subsérie Correspondência Ativa no Arquivo de Mário de Andrade no IEB-USP. Edição anotada, precedida de ensaio (IEB-USP/CNPq)

[42] Este livro, considerado marco do modernismo brasileiro, veio à luz em 21 de julho de 1922, em tiragem paga com as economias do autor, “nas oficinas da Casa Mayença Editora”, em São Paulo; a capa, com losangos coloridos, é atribuída ao poeta Guilherme de Almeida.

[43] Em 1941, MA publica *Poesias*, pela Livraria Martins Editora, em São Paulo. Excluída a obra de 1917, *Há uma gota de sangue em cada poema*, *Poesias* representa a sua produção poética de 1922 a 1941, composta de cinco partes. A primeira, “O estouro”, guarda poemas selecionados de *Pauliceia desvairada* (1922) e *Losango cáqui* (1926); a segunda, “Prisão de luxo”, títulos de *Clã do jabuti* (1927); a terceira escolhe em *Remate de males* (1930); as duas últimas partes – “A costela do Grã Cão” e “Livro azul” – oferecem obras então inéditas. A presente edição indica todos os textos ausentes em *Poesias*, como esta dedicatória de *Pauliceia desvairada*.

[44] Texto não incluído por MA na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[45] A primeira versão do poema **A**RTISTA, ainda sem o título e a forma de soneto, está na marginália (V. **P**OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 4. **P**OEMAS NA MARGINÁLIA E EM DOSSIÊS DE MANUSCRITOS).

[46] Nota MA: “Lirismo + Arte = Poesia, fórmula de P. Dermée.”

[47] Ao citar Bilac, MA atualizou a ortografia pela norma vigente em sua época; a presente edição também o fez.

[48] Nota MA: “Há 6 ou 8 meses expus esta teoria aos meus amigos. Recebo agora, dezembro, número 11 e 12, novembro, da revista *Esprit Nouveau*. Aliás *Esprit Nouveau*: minhas andas neste **P**REFÁCIO INTERESSANTÍSSIMO. Epstein, continuando

estudo O FENÔMENO LITERÁRIO observa o harmonismo moderno, a que denomina simultaneísmo. Acha-o interessante, mas diz que é ‘utopia fisiológica’. Epstein no mesmo erro de Hugo.”

[49] O eu lírico incorpora marca de perfume feminino do gosto da elite paulistana; o anúncio, na revista *A Cigarra* (a. 6, nº 125. São Paulo, 1º dez. 1919, p. 4), pontua: “UN JOUR VIENDRA/ Perfume d’Arys o mais luxuoso/ adoptado pelas pessoas elegantes/ o mais captivante e penetrante./ [...] ARYS, 3, rue de la Paix, Paris – em todas as perfumarias”, atendendo à literatura de circunstância, no projeto literário de MA (Dossiê: EDIÇÕES E MANUSCRITOS: 1. MATÉRIA

CONCERNENTE AOS LIVROS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE).

[50] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[51] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941

[52] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[53] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[54] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[55] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[56] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[57] A referência aos craques do futebol repete-se em FRANZINA (V. POESIAS INÉDITAS E

ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS).

[58] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[59] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[60] Nota MA: “A última imagem está numa crônica rutilante de Hélios. Não houve plágio. Hélios repetiu legitimamente a frase já ouvida, e então lugar-comum entre nós, para caracterizar deliciosa mania do Oswald.”

[61] Na carta que envia à pintora Anita Malfatti, em 15 [de maio de 1922], MA inclui uma versão do poema, com variantes na pontuação, na divisão estrófica e nos versos destacados em notas na presente edição. Na missiva, os segmentos “fogo de artifício” (versos 5, 23 e 49) “Alameda dos beijos” (versos 38) e “cor de cal” (verso 51) mostram-se como locuções, isso é, com hífen (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). *Mário de Andrade, cartas a Anita Malfatti, 1921-1939*. São Paulo, Forense Universitária, 1989, p. 56-58).

[62] Na versão remetida a Anita Malfatti, os versos são: “corpos de virgens nuas carregando.../ Oh! as lassitudes dos sempre imprevistos!”.

[63] Em carta de outubro de 1922 (data atestada), MA discute com Manuel Bandeira: “Zangaste com o verso alexandrino e parnasiano ‘e o ciúme universal etc.’ Mas, caro Manuel, sabes da liberdade, mesmo excessiva que há no meu livro: portanto não foi preconceito que me obrigou àquela fórmula. Era assim mesmo. Senti assim. Saiu assim. Como posso eu desritmar um movimento que brotou naturalmente? Só por prevenção? Mas no PREFÁCIO já afirmava não desdenhar balouço de versos comuns. A comoção muita vez está num ritmo comum. Os ritmos comuns existiram primeiro na natureza, depois no preconceito. Não há preconceito nem chavão que não tenha existido naturalmente. E o meu ocasional alexandrino, mesmo com seus dois substantivos e dois adjetivos, existiu ali naturalmente dentro de mim. Da mesma forma rimas e metros que dentro do livro se encontram. Além disso: eu ainda estava muito perto do meu passado. Esta lei de hímen que nos persegue!”

(V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed.; São Paulo: IEB/ Edusp, 2001, p. 72).

[64] Na versão na carta a Anita, os versos 39-40 são: “Mas eu... Mas estas minhas grades em girândolas de jasmims,/ enquanto as travessas do Cambuci nos livrementes”.

[65] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[66] A presente edição acata a forma “confetti” da edição *princeps*, marcada pelo uso de palavras estrangeiras. Em *CARNAVAL CARIOCA*, preferiu o termo conforme ele figura em *Clã do jabuti* que, em 1927, segue a língua portuguesa – “confete” e “confetes”.

[67] Poema publicado por Oswald de Andrade no artigo *O MEU POETA MODERNISTA*, em que apresenta Mário de Andrade no *Jornal do Commercio* de São Paulo, em 27 de maio de 1921 (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[68] Conservado este verso da edição *princeps* de 1922, omitido na edição de *Poesias*, 1941.

[69] Este verso, em *Poesias*, 1941, sofreu substituição – “A Importadora não tem impermeáveis em liquidação...” –, apagando um dado da literatura de circunstância, proposta por MA em 1922, vinculada ao aqui e agora.

[70] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[71] Adotada a edição *princeps*, com a presença do segmento “Cincinato Braga!...”, suprimido em *Poesias*, 1941.

[72] Acatada a pontuação final do verso na edição de 1922, reduzida, em 1941, a um ponto de exclamação.

[73] Conservada a epígrafe de 1922, excluída em *Poesias*, 1941.

[74] Em *Poesias*, 1941, o período é substituído por: “As *Senectudes Tremulinas* disseminaram-se pelas sacadas dos arranha-céus.”, extinguindo os dados de época da edição de 1922, aqui adotada, neste caso.

[75] Seguida a versão em *Poesias*, de 1941, na correção “delas” que posiciona *Minha Loucura* junto dos personagens que lhe são afins, *As Juvenilidades Auriverdes*.

[76] Os versos 14-15 mostram problema gráfico em 1941: o verso 14 perde a exclamação e o 15 é suprimido. Neste caso, a presente edição segue a edição *princeps*, na qual o verso é retomado conforme o padrão na apresentação das *Juvenilidades Auriverdes* e dos *Orientalismos Convencionais*; verso três vezes repetido, como um refrão.

[77] Obedecida a versão em *Poesias*, 1941, na qual o acréscimo do artigo coloca este verso no padrão rítmico dos anteriores.

[78] Verso com divisão silábica em ambas as edições.

[79] Acatada a forma “esses” da versão de *Poesias*, em 1941; em 1922, o verso é: “quem são estes homens”.

[80] Em *Poesias*, 1941, está a substituição: “E os telhados proibindo à chuva batizar!”

[81] Acatada a substituição que a edição de 1941 exhibe: o adjetivo final “trêmulas”, em 1922, passa a “frágeis” em 1941, saindo da esfera semântica das *Senectudes Tremulinas*.

[82] Em 1941, *Poesias* consigna: “Primavera, inverno, mais verão e outono...”.

[83] Nota MA: “Aqui o leitor, se for partidário dos O_{RIENTALISMOS}, porá nomes de escritores paulistas que aprecia, se das J_{UVENILIDADES}, os que detesta. Exemplo com meu próprio nome: E as mariocidades. Não existe esse sufixo: quero assim para bater melhor o ritmo.”

[84] Em 1922, a pausa é dada pela vírgula; aceitamos a correção do autor, na edição de 1941.

[85] Seguimos a próclise instituída pela edição de 1941, por uma questão de eufonia.

[86] Os versos 224-233 foram suprimidos na edição de *Poesias*, em 1941.

[87] Reproduzimos a divisão dos versos 244-245 da edição de 1922. Na edição de *Poesias*, os versos estão assim dispostos: “Fechai vossos peitos! Que a noite/ Venha depor seus cabelos alens”.

[88] O livro, com capa de Di Cavalcanti, foi publicado às expensas do autor na Casa Editora A. Tisi, em São Paulo, que o levou ao prelo da Gráfica Ideal de H. L. Canton, de onde saiu em 12 de janeiro de 1926. O livro obedece à disposição gráfica que completa o sentido dos poemas, como nos *Calligrammes* de Apollinaire. MA não incluiu, no volume, determinados títulos que conservou em versões manuscritas (V. P_{OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS}: 5. P_{OEMAS INÉDITOS E DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA}). Obra escrita em 1922, ano no qual o autor, como reservista do Exército, realiza exercícios militares. O título *Losango* é recortado do traje arlequinal do poeta em *Pauliceia desvairada*, escolhida a cor cáqui dos uniformes militares à época.

[89] Anita Malfatti (1889-1964). Pintora paulistana amiga de MA, considerada o “estopim do modernismo” brasileiro, por sua exposição de vigor expressionista em São Paulo, em 1917 que propiciou a reunião dos jovens poetas que aspiravam à modernidade – MA, Oswald de Andrade, Guilherme e Tácito de Almeida. Em 1922, participou da Semana de Arte Moderna, expondo, entre outras obras, *A estudante russa*, *O japonês* e *O homem amarelo*, telas que figuram na coleção de MA. Integrou o Grupo dos Cinco, no modernismo paulistano, com MA, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Menotti del Picchia.

Na carta de 2 de junho [de 1924], MA reitera a Anita Malfatti a dedicatória de *Losango cáqui*, enviando-lhe cinco poemas em autógrafo a tinta preta. Os textos, aqui designados nas notas, apresentam, todos eles, variantes à versão publicada em 1926 (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 77-82).

[90] Texto não incluído por MA na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[91] Uma possível primeira versão do poema, com 39 versos está na carta de 2 de junho [de 1924] de MA a Anita Malfatti; prefere a forma “estala” a “estrala” (versos 1, 11, 32), e exhibe variantes em versos, na pontuação e na divisão dos versos e estrofes. Declara, no final: “O livro recorda o tempo em que/ fiz exercícios militares)” (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 78-80). Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[92] Na versão enviada à pintora, o verso é: “Sinto-me todo vestido de luzes estranhas”.

[93] Na versão oferecida a Anita, a estrofe compõe-se de cinco versos; os dois primeiros em sequência diversa da publicação em *Losango cáqui*, 1926: “Meu

coração estala./ Aqueles olhos matinais, sem nuvens.../ Parte-se reto para diante abandonando tudo.../ Ah! vida circunferência.../ Recomeçar!”.

[94] “Quatro a um/ Urrah, paulistas!” na carta a Anita versos 22-23, correspondem a uma supressão e uma substituição na interjeição, na versão publicada em 1926.

[95] Na versão remetida à pintora, está: “Horizonte de escravos, pardacento/ fardacento”.

[96] Em 22 de dezembro de 1921, MA remete, a Anita Malfatti, versão datada do dia 13 do mesmo mês, com variantes em relação ao texto publicado em *Losango cáqui*, em 1926 (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 53-54; P_{OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS}: 3. P_{OEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO}

DE ANDRADE). Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[97] A versão enviada por MA a Anita Malfatti na carta de 2 de junho [de 1924] traz variantes na pontuação, na divisão de estrofes e na disposição gráfica dos versos. Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941 (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 80).

[98] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[99] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[100] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[101] Este é o XII^o P_{OEMA}, na versão enviada a Anita Malfatti na carta de 2 de junho [de 1924]; mostra variantes em praticamente todos os versos (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 80-81).

[102] Na versão dada à artista plástica: “... É preciso marchar, cabeça levantada,”.

[103] Os versos 4 e 5, na versão enviada a Anita Malfatti, são: “Que linda casa colonial!/ Cheia, cheinha de paisagem!”.

[104] Na versão que se acha na carta a Anita Malfatti, os versos 9-11 são: “Mas meu olhar de artista blefa o meu tenente./ Olhou altivo para a frente;/ E ao bater no quepe do soldado da frente”.

[105] Na carta de 27 [de abril de 1924], MA envia a Manuel Bandeira outra versão deste poema, de janeiro do mesmo ano, acompanhada de A_{ESCRIVANINHA} (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 120-121).

[106] Na versão enviada a Bandeira, os dois últimos versos são: “Para o Museu... Coitada! Em tão pequeno assento/ A grande dama pôs sua imperial bundinha”.

[107] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[108] Este é o XIV^o P_{OEMA}, na versão enviada a Anita Malfatti na carta de 2 de junho [de 1924]; oferece variantes significativas (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 81). Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[109] “O perfume claro, esgarçado, rosado de rosas abertas,”, na versão dada a Anita Malfatti.

[110] Os versos 8-9, na versão enviada a Anita, são: “De rosas sorrindo./ Desejo de amar...”.

[111] Na versão remetida a Anita Malfatti: “No entanto é já tão velha”.

[112] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

- [113] Após a publicação no livro *Losango cáqui*, no mês de janeiro, 1926, esta versão do poema se repete em setembro, na revista carioca *A Ideia Ilustrada* (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).
- [114] Em carta a Manuel Bandeira, com data atestada como posterior a [25 de janeiro de] 1925, MA cita este e o verso anterior (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 183).
- [115] MA envia a Manuel Bandeira, em 5 [de agosto de 1923], versão anterior (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 99-100); transcrita nesta edição (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 3. POEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE).
- [116] Acatada a pontuação instituída por MA em *Poesias*, 1941. Na primeira edição está: “A própria dor é uma felicidade!”
- [117] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [118] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [119] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [120] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [121] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [122] Este e o verso anterior são mencionados na carta de MA a Manuel Bandeira, em 22 [de maio de 1923] (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 92).
- [123] Na carta de 27 [de abril de 1924], MA apresenta a Manuel Bandeira uma versão deste e do poema T_{ABATINGUERA} (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 120-121).
- [124] Na versão enviada a Bandeira: “Leituras más e vícios feios...”.
- [125] Na carta o verso é: “Para o indigente de Paris!”.
- [126] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [127] Em 1926, na edição *princeps*, está: “Aonde o Solão chapinha na água agitada”.
- [128] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.
- [129] Acatada a versão que, em 1941, acrescenta a interjeição.
- [130] XXI^o P_{OEMA}/ (C_{ABO} M_{ACHADO}), na versão enviada a Anita Malfatti na carta de 2 de junho [de 1924]; oferece variantes na divisão das estrofes, na pontuação e em muitos versos (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 81-82).
- [131] Na versão dada a Anita, os versos 2-6 são: “Pequenino como todo brasileiro que se preza/ Cabo Machado é moço, lindo./ É como se a aurora marchasse à minha frente./ Entreatre os lábios rubros num sorriso perpétuo,/ Onde raia o Sol de oiro dos dentes”.
- [132] “Cabo Machado quando marcha”, na versão enviada a Anita Malfatti.
- [133] “Que se apaixonaram pelo andar convidativo”, na versão na carta referida.
- [134] Os versos 19-21, na versão oferecida a Anita Malfatti, são: “Cabo Machado é doce como açúcar/ E polido como manga-rosa/ Cabo Machado é bem o representante dum país”.
- [135] “Mas não bulam com ele”, variante na versão remetida à pintora Anita Malfatti.
- [136] Na versão ofertada a Anita Malfatti: “Cabo Machado esboça um ritmo de rasteira...”

[137] Os versos 27-31, na versão na carta a Anita Malfatti, são: “Mas tem unhas bem tratadas,/ Mãos diáfanas e frias,/ Não desdenha o bom-tom do pó-de-arroz./ Vê-se bem que prefere o arbitramento./ E TUDO ACABA EM SAMBA”.

[138] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[139] Em *Klaxon* (nº 6, São Paulo, 15 de outubro de 1922, p. 3), sob o título

P_{OEMA}, está a versão sem epígrafe, com diferenças na pontuação, na diagramação, na divisão de estrofes e nos versos 6-8 (“E as crianças emigrantes me rodeiam, pedindo retratinhos de artistas de cinema, desses que vêm nos maços de cigarros./ Sinto-me a ‘Assunção’ de Murilo!/ Libertei-me da dor...”). A versão no mensário de arte moderna é repetida na nota R_{EGISTRO}, em recorte assinado “F.”, sem indicação de periódico ou data, no Arquivo Mário de Andrade: “!!! *Klaxon*, o espalhafatoso órgão do futurismo, insere os inconcebíveis versos, assinados pelo Sr. Mário de Andrade, que passo a transcrever, porque, divulgando-os, acredito que vou ter mais graça do que nunca.”. A nota, assim como a reação ao modernismo, suscitam o artigo F_{ARAUTOS}, no nº 7 da mesma revista, em 30 de novembro de 1922.

[140] Em R_{EGISTRO}, este verso e os dois anteriores são: “E as crianças emigrantes me rodeiam, pedindo retratinhos de artistas de cinema, desses que vêm nos maços de cigarros.../ Sinto-me a *Assunção* de Murilo!/ Libertei-me da dor...”.

[141] Nota MA: “Publicado na *Klaxon* o poema anterior causou hilaridade. Era natural. Por caçoada vesti minhas sensações e ideias com este soneto”.

Nota da edição: P_{LATÃO} ilustra, com variantes na pontuação, o artigo F_{ARAUTOS}, no nº 7 de *Klaxon*: mensário de arte moderna (30 de novembro de 1922), no qual MA condena a obediência aos cânones estéticos dos passadistas que se comportam como velhas ovelhas. Compara este soneto com seu P_{OEMA}, em versos livres, publicado no nº 6 da mesma revista. P_{LATÃO}, depois de figurar em *Losango cáqui*, não foi incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941

[142] Em *Klaxon*: “Brilha esta áurea manhã de primavera”.

[143] Em *Klaxon*: “A vida é boa!”.

[144] Em *Klaxon*: “E caminho, entre odores e harmonias,”

[145] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[146] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[147] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[148] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[149] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941. Publicado com variantes na pontuação e na divisão de estrofes na A_{NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA}

CONTEMPORÂNEA – 1ª série – A_{NTOLOGIA DA P}OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[150] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[151] No topo de folha remanescente do manuscrito de *Losango cáqui*, mostra-se versão dos últimos versos do poema: “Não devia dizer ‘meu coração estala’.../ Esta preocupação dum sentimento que passou!...” (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[152] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941. Há uma versão praticamente idêntica em recorte sem indicação de periódico, local e data (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[153] Na versão, no recorte guardado por Mário de Andrade, o verso é: “Chuçadas e lapsos berrantes,”, talvez por erro na composição tipográfica.

[154] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[155] Em 30 [dezembro de 1922], MA envia versão anterior do poema, com variantes, a Manuel Bandeira (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 79-80; POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 3. POEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE).

[156] Poema não incluído na parte “O estouro” de *Poesias*, em 1941.

[157] No recorte sem indicação de jornal, cidade e data, onde se acha a versão de T_{OADAS SEM ÁLCOOL}, também de *Losango cáqui*, vem o esclarecimento: “Em nossa edição matutina de segunda-feira passada, publicamos um belo pequeno poema de Mário de Andrade, T_{OADAS DA ESQUINA}, que por acidente de paginação saiu sem a assinatura do autor. A falta não foi talvez muito grave. Estamos certos que a maioria dos leitores desta página logo adivinhou o nome que faltava; e muitos sem dúvida viram logo que os versos transcritos pertenciam ao último livro do ilustre poeta modernista, o *Losango cáqui* – que é uma ‘Ilustração’ significativa na obra de Mário de Andrade” (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[158] O livro, cuja capa foi projeto de MA, saiu na edição paga por ele no Estabelecimento Gráfico de Eugenio Cupolo, em São Paulo, 1927. *Poesias*, em 1941, na segunda parte do volume, “Prisão de luxo”, seleciona textos de *Clã do jabuti*, cortado o título da obra.

[159] Versão anterior do poema sai, ao lado de A_{ARRAIADA} e R_{ONDÓ DE VOCÊ} (depois R_{ONDÓ PRA VOCÊ}), na *Revista do Brasil* (v. 28, a. 10, nº 111. São Paulo, março de 1925, p. 209-210). Poema publicado com variantes na divisão das estrofes na A_{NTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA – I}, *Revista Acadêmica*, nº 43, Rio de Janeiro (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[160] Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Poeta, contista e cronista. Amigo e correspondente de MA que o encontrou, pela primeira vez, em 1924, quando fez parte da caravana modernista, excursionando por Minas Gerais. Em 1925, fundou, em Belo Horizonte, *A Revista*, de tendência inovadora, na qual MA colaborou. Em 1926, Drummond ofereceu ao amigo o manuscrito *Minha terra tem palmeiras*, poesia que marca a sua adesão ao nacionalismo postulado pelo autor de *Pauliceia desvairada*, a quem enviou, com dedicatória, *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *Poesias* (1942) e *Confissões de Minas* (1944).

[161] Na carta a Manuel Bandeira, em 29 de dezembro de 1924, MA inclui os versos 5 a 7 deste poema, com variantes na pontuação do verso 5 e supressão do adjetivo “ovais”, no verso 7 (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 172).

[162] Na versão publicada na *Revista do Brasil* (v. 28, a. 10, nº 111. São Paulo, março de 1925), este verso e o anterior são: “Duma feita os canhamboras souberam que não tinha mais escravos/ Por causa disso muita irmã do Rosário se perdeu”.

[163] O verso “Analfabetolândia Carijó”, excluído em *Clã do jabuti*, precede, na versão da *Revista do Brasil*, o verso “A gente ainda não sabia se governar...”.

[164] No livro de 1927, nos versos 16-17 e 19-20, a palavra “vontade” da versão de 1925, na *Revista do Brasil*, é substituída por “desejo”.

[165] Escolhida a substituição efetuada pelo escritor na versão de 1941; na edição *princeps* o verso é: “E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...” como na versão publicada na *Revista do Brasil* (1925) e na *Revista Acadêmica* (1939).

[166] Na *Revista Acadêmica*: “Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus quer...”.

[167] Na *Revista do Brasil*, o verso é: “Brasil que eu amo porque é o gesto do meu braço aventureiro,”.

[168] Em carta que se atesta como de [fevereiro de 1923], MA comunica a Manuel Bandeira a criação de *CARNAVAL CARIOCA*, a ele enviando, em 22 [de abril] uma provável primeira versão do poema. Em 7 de novembro do ano seguinte, também em carta, discute sugestões do amigo para alguns versos de *CARNAVAL CARIOCA* e do *NOTURNO DE BELO HORIZONTE* (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 84-85, 87-88, 144-147). Comparados os versos citados na carta com a versão publicada, verifica-se que o diálogo epistolar suscita nova versão do poema.

[169] Manuel Bandeira (1886-1968). Poeta, cronista, crítico e tradutor. Estreia em 1917 com *Cinza das horas*, lirismo penumbriado. Em 1922, na *Semana de Arte Moderna*, o seu poema *OS SAPOS* é lido por Ronald de Carvalho, à guisa de manifesto. Manteve fecunda e longa correspondência com MA a quem enviou, com dedicatória, seus livros *Carnaval* (1919), *Ritmo dissoluto* e *Poesias* (1924), *Libertinagem* (1930), *Poesias escolhidas* e *Crônicas da província do Brasil* (1937), *Noções de história das literaturas* (1940) e *Poesias completas* (1940, 1944). MA publicou estudos sobre o poeta, entre os quais está *MANUEL BANDEIRA* (*Revista do Brasil*, a. 9, nº 107. Rio de Janeiro, novembro de 1924).

[170] Na carta a Bandeira, se lê: “Carnaval/ Tanta ridiculez!/ Minha frieza bruma de paulista etc.”; *Clã do jabuti* suprime e substitui, portanto.

[171] Na carta de 7 de novembro de 1924, MA comenta: “No final corrigi uma frase que agora é bem o ideal estético e psicológico do lirismo. ‘Sou dançarino e danço, e nos meus passos conscientes/ Dignifico a verdade das coisas existentes’. Antes estava: ‘Traduzindo ecos em miragens’ que é besteira.”.

[172] Neste poema, em todas as repetições “confete”/ “confetes” optamos pelo uso da palavra em português, como aparece em *Clã do jabuti*, 1927. Em *Poesias* (1941), MA utiliza a forma estrangeira: “confetti”.

[173] Com o título *MADRIGAL* e a indicação “(do *Carnaval carioca*)”, MA publica, em *Letras Novas* (a. 1, nº 4-5, Natal, outubro-novembro de 1925), excerto do poema ainda inédito, versos 127-137, com variantes na pontuação; “iluminava”, substituído no livro por “alumiava” (v. 130) e “guarapus” por “guarupus” (v. 133)

[174] Acatada a substituição, sanando o cacófono, efetuada na versão do poema em *Poesias*, 1941; na edição *princeps*, se lê: “A boca dele florirá de bênçãos e perdões...”.

[175] A presente edição manteve o título “Coordenadas” nesta parte de *Clã do jabuti* e, nele, a dedicatória; *Poesias*, em 1941, ao eliminá-lo, passa a dedicatória à MODA DOS QUATRO RAPAZES. Antônio Carlos Couto de Barros (1896-1966): escritor nascido em Campinas (SP); colaborou nas revistas do modernismo *Klaxon*, *Estética* assim como em *Terra roxa e outras terras*, onde publicou crônicas e ensaios. MA a ele se referiu como “o filósofo da malta” em *O movimento modernista* (1942).

[176] Versão anterior do poema sai com o título RONDÓ DE VOCÊ, ao lado de ARRAIADA e O POETA COME AMENDOIM, na *Revista do Brasil* (vol. 28, a. 10, nº 111. São Paulo, março de 1925, p. 209-210). Poema também divulgado na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[177] Na *Revista do Brasil*: “Abraçar somente esse abraço”.

[178] Em 1925, no periódico paulistano, o verso é: “Nem beijar somente esse beijo”.

[179] “Que também com esse corpo magro”, na versão estampada na *Revista do Brasil*.

[180] Poema não incluído na parte “Prisão de luxo” de *Poesias*, em 1941.

[181] Poema não incluído na parte “Prisão de luxo” de *Poesias*, em 1941.

[182] A primeira versão do poema encontra-se nas margens das páginas 162 e 163 do romance *Die Armen* (Leipzig: Kurt Wolff Verlag, 1917) de Heinrich Mann (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 4. POEMAS NA MARGINÁLIA E EM DOSSIÊS DE MANUSCRITOS). Em *A Revista* (a. 1, nº 3. Belo Horizonte, setembro de 1925, p. 13), o poema sai em versão mais próxima daquela conhecida em *Clã do jabuti*.

[183] Adotada a substituição ocorrida no verso em *Poesias*, 1941. Em *A Revista* e na edição *princeps*, o verso é: “Espia entre as pálpebras sapiroquentas de duas nuvens.”

[184] Em *Poesias*, 1941, ao ser eliminado o título “Coordenadas”, a dedicatória “a Couto de Barros”, ali presente, deslocou-se para este poema.

[185] Publicado no nº 2 de *Verde*: revista mensal de arte e cultura (Cataguazes, outubro de 1927, p. 11), sob o título RONDÓ DO BRIGADEIRO, com variantes na pontuação e a indicação “dos Poemas de Campos do Jordão”; não incluído na parte “Prisão de luxo” de *Poesias*, em 1941.

[186] O poema, com o título RONDÓ DA PENSÃO AZUL, seguido da nota: “Pensão para tuberculosos nos Campos do Jordão”, sai primeiramente em *Letras Novas*, a. 1, nº 4-5, Natal, outubro-novembro de 1925, com variantes na pontuação e nos versos 2-3 – “Dos tempos gastos do Romantismo/ Maçãs coroadas, olhos de abismo” – e no verso 9 – “Só então seremos juntos felizes,”. O texto do livro, com alterações na pontuação, entra na ANTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA – I, no conjunto dedicado a MA, no nº 43 da *Revista Acadêmica*, no Rio de Janeiro, em abril de 1939. É repetido, com fidelidade, em *Planalto* (a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942 e na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA

P_{OESIA} – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[187] Excluído de *Clã do jabuti*, em 1927, o soneto que sucede A_{CALANTO DA PENSÃO AZUL} em P_{RISÃO DE LUXO}, parte II, de *Poesias*, em 1941, tem esta sua posição conservada na presente edição de *Poesias completas*. Fez parte, assim como M_{ODA DOS QUATRO RAPAZES}, M_{ODA DO BRIGADEIRO} e A_{CALANTO DA PENSÃO AZUL}, do conjunto P_{OEMAS DE CAMPOS DO JORDÃO}, escrito quando MA, em 1923, junto de Couto de Barros e Tácito de Almeida, visitou o poeta Rui Ribeiro Couto, ali recolhido para tratamento de tuberculose. A carta de MA a Manuel Bandeira, em 19 de novembro de [1924], dá a entender que o conjunto continha também R_{ONDÓ DAS COISAS INCRÍVEIS} e outro rondó do qual restou apenas a quadra “Quem está na pindaíba/ Fica em Pindamonhangaba/ Não vai ao Rio de Janeiro/ Assistir ao Carnaval.”, e talvez mais textos (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 149; P_{OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS}: 3. P_{OEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE}).

[188] Este poema sucede a parte “Coordenadas” em *Clã do jabuti*. Em 7 de novembro de 1924, MA discute, em carta a Manuel Bandeira, sugestões do amigo para alguns versos de N_{OTURNO DE BELO HORIZONTE} e de C_{ARNAVAL CARIOCA} (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 144-147). Pelo que se depreende da carta, trata-se de versão anterior àquela que sai em *Estética* (a. 2, v. 1, nº 3. Rio de Janeiro, abril-junho de 1925, p. 233-247), pois cita três dos onze versos que MA exclui após a leitura de Bandeira: “Me vejam, por exemplo! Que sou eu?/ O poeta-só, homem cortado pelo meio/ Que por não achar a predestinada...”. Na presente edição, as notas de rodapé, no decorrer do poema, mostram as variantes entre a versão na revista carioca e a publicada em livro, sem especificar, todavia, diferenças na pontuação, na disposição gráfica dos versos, nem na quebra de versos e de estrofes. Destacam as rasuras de MA a grafite, no exemplar do periódico que lhe pertenceu, e o registro de um total de versos – “418 v”.

[189] Elísio de Carvalho (1880-1925). Historiador, ficcionista, poeta e tradutor. Dirigiu a revista carioca *América brasileira*, onde MA publicou a série “Crônicas de Malazarte” (1923-1924). De sua extensa obra, a biblioteca de MA guarda *Brava gente* (1921), *Lauréis insignes* (1924), *Principes del spiritu americano* (1925), *Suave austero* (1925), e a tradução da peça *Uma tragédia florentina*, de Oscar Wilde.

[190] Em *Estética*: “O silêncio fresco se desfolha das árvores”.

[191] Na revista carioca: “Só as árvores árvores da mata-virgem”.

[192] Em *Estética*: “A mata invadiu o gradeado das ruas,”.

[193] Na primeira versão do poema, em *Estética* (a. 2, v. 1, nº 3. Rio de Janeiro, abril-junho de 1925), existe o verso “Buck Jones salta do anúncio, fugindo,” entre este e o verso anterior.

[194] Na versão anterior, na revista *Estética*: “Com a poeira aguda das folhagens...”.

[195] “A mata vitoriosa acampou nas ladeiras.”, na versão publicada em periódico.

[196] Em *Estética*: “Há baianos redondos.”.

- [197] O nome do personagem, em *Estética*, “Roberto Dias”, é corrigido na 1ª edição de *Clã do jabuti*.
- [198] Na revista carioca: “Não são esperanças são turmalinas bem se vê:”.
- [199] Entre este e o verso anterior, na revista *Estética*, há 6 versos, excluídos em *Clã do jabuti*: “Fumegando espalham.../ Grotas/ Pedras/ Arvoretas./ Pretas./ Pratas.”.
- [200] Em *Estética*: “De repente fosso!”.
- [201] Em sua carta a Bandeira, em 7 de novembro de 1924, MA se propõe a repensar estes versos, cuja primeira versão cita e explica: “Até acalmarem (os rios) só muito longe exânimes/ Nas lagoas polidas de cabeça pra baixo”.
- [202] No periódico: “Desce ritmada aos golpes dos remeiros.”.
- [203] Na revista *Estética* se lê: “E o lindo nome de S. José d’El Rei mudado num odontológico Tiradentes...”.
- [204] No periódico carioca este verso é dividido: “tal qual o fausto das paragens de ouro/ velho!...”.
- [205] Em *Estética*: “Frutificou!/ Taratá!”.
- [206] Na revista carioca: “Na fazenda do Barreiro recebe-se opulentamente.”.
- [207] Em *Estética*: “Mas no Grande-Hotel de Belo-Horizonte serve-se à francesa...”.
- [208] Verso iniciado em *Estética* sem a onomatopeia: “Taratá”.
- [209] *Clã do jabuti* conserva apenas este verso; em *Estética*: “Taratá!/ Fábricas de calçados,/ Exercícios militares,”.
- [210] Na revista: “Motoristas que avançam no bolso dos viajantes,”.
- [211] No periódico carioca: “- Desculpe, estou com pressa./ Ganhemos o dia!”.
- [212] Na versão em *Estética*: “Força das xiriricas, das florestas e dos campos!...”.
- [213] Em seu exemplar da revista *Estética*, MA anota a grafite: “(espaço)”, para divisão estrófica confirmada na versão em *Clã do jabuti*.
- [214] Em *Estética*: “O noivo com sua noiva”; o exemplar de MA traz rasura a grafite - hesitação entre “sua noiva” e “a noiva dele” -, resolvida na versão no livro e acatada na presente edição.
- [215] “E puseram-se de novo”, na versão em *Estética*; opção pela próclise, no livro de 1927.
- [216] Na versão na carta a Manuel Bandeira e em *Estética*, este verso e o anterior são: “Que soltos e chocarreiros/ Do caminho se soltavam”.
- [217] Os versos que compõem esta parcela do poema foram publicados em *Planalto* (a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942), com variantes na pontuação (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP). Esta “história de Minas” liga-se ao segundo canto do poema *A NÁLIA*, lido e anotado por MA em *Poesias de Gonçalves Dias*, na edição organizada por J. Norberto de Souza Silva (Rio de Janeiro: Garnier, 1919, v. 2, p. 80-85).
- [218] Em *Estética* e em *Clã do jabuti*, o verso é: “Pros brasileiros do Brasil...”.
- [219] Na revista *Estética*: “Ou da carne requentada do dorso dos pigarços pequenos,”.
- [220] Em *Estética*, o verso é: “Tem festas do Tejuco pelo céu!”; acréscimo em *Clã do jabuti*.
- [221] Em *Estética*, se lê: “Dizendo versos desce a rua Pará...”.

[222] O exemplar de trabalho do poema, na revista, *Estética*, mostra rasura: correção - crase.

[223] Em *Estética*: “reuniu todos os seus cabedais”.

[224] Em *Estética*: “Pra esses dois infelizes.”.

[225] Em seu exemplar da revista *Estética*, MA anota a grafite: “(espaço)”, para divisão estrófica confirmada na versão em *Clã do jabuti*.

[226] Na revista *Estética*: “Não há nada como histórias pra reunir na mesma casa.”.

[227] Em 1941, *Poesias* não traz os versos 333-334, que a atual edição mantém.

[228] Em *Estética*: “Mas as raças são verdades essenciais”.

[229] Em *Estética*: “vaidosa imbecilidade”.

[230] “E eu temo que uma paz obrigatória”, em *Estética*, supressão do pronome pessoal efetuada por meio de rasura a grafite, no exemplar da revista que pertenceu a MA.

[231] Em *Estética*: “E é por amor que Deus nos deu a Vida...”; substituição, por MA, em seu exemplar da revista - “amor” por “ele”; solução não acatada na versão editada em 1927.

[232] *Estética* traz, antes deste, dois versos excluídos na versão no livro: “E enquanto os outros se pinicam nas vaidades/ Representamos nossa alegoria”.

[233] Em *Estética*: “Não importa que uns falem mole descansado”; em *Clã do jabuti*: “Que importa que uns falem mole descansado”; em *Poesias* (1941): supressão evitando a repetição, acatada pela presente edição.

[234] Em *Estética*: “O cortejo fantasiado de histórias mineiras”.

[235] Na década de 1920, na publicação em periódico: “Os seres e coisas se aplainam no sono.”.

[236] Na revista *Estética*: “De longe em longe gritam desolados brilhos falsos”.

[237] Em seu exemplar da revista *Estética*, MA insere o expoente “(1)” em “Oropa” e explica no rodapé: “(1) A palavra Oropa deve vir grifada ou melhor em itálico”; a atual edição não acatou esta forma que não vigora nas versões seguintes.

[238] A presente edição mantém o título “O ritmo sincopado” e a dedicatória do livro de 1927, nesta parte de *Clã do jabuti*; *Poesias*, em 1941, ao eliminar a divisão em partes, passou a dedicatória ao poema *ARRAIADA*, e recorreu ao nome completo da pintora paulista. Tarsila do Amaral (1886-1973) entrou em contato com os modernistas de São Paulo no segundo semestre de 1922, por meio de Anita Malfatti. Em Paris, em 1923, transitou pelos ateliês dos pintores da vanguarda, Léger, Lhote e Gleizes. Soube aliar a liberdade de experimentação à temática brasileira, dando forma plástica ao ideário das correntes modernistas Pau-Brasil (1924) e Antropofagia (1928). Segundo MA, Tarsila “terminou a confusão entre nacionalizar a pintura e pintar o nacional”, ao incorporar “formas do nosso humano tradicional” (*Fichário analítico*). Em 1931, visitou a União Soviética, engajada em valores socializantes da arte. Na coleção de artes do escritor está, entre outros trabalhos da artista, o *Retrato de Mário de Andrade* (pastel sobre papel, 1922).

[239] Versão anterior do poema é publicada, ao lado de *RONDÓ DE VOCÊ* (depois *RONDÓ PRA VOCÊ*) e *O POETA COME AMENDOIM*, na *Revista do Brasil* (vol. 28, a. 10, nº 111. São Paulo, março de 1925, p. 209-210). Em *Poesias* (1941), MA seleciona poemas

ignorando a divisão no livro de 1927, “O ritmo sincopado”, e excluindo o título; transfere, para **A**RRAIADA, a dedicatória que em *Clã do jabuti* é “a Tarsila”, completando o nome da pintora – “a Tarsila do Amaral”.

[240] Na *Revista do Brasil*: “Está derreada e com as sobras do sono no canto dos olhos”.

[241] Na revista, em 1925, o verso é: “Bota a trouxa de roupas na lapa”.

[242] Poema publicado com diferenças na pontuação em *Planalto*, a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942. O texto sem variantes sai na **A**NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – **A**NTOLOGIA DA **P**OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 45 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[243] Em 7 de maio de 1925, na carta em que envia a Manuel Bandeira uma versão do texto, MA pede ao amigo: “Me dê um nome pra este poema” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 207). Publicado em *Terra roxa e outras terras* (a. 1, nº 5; São Paulo, 27 de abril de 1926, p. 6) sob o título **I**ARA, e como **P**OEMA, em *Planalto*, a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[244] Em *Terra roxa e outras terras*, o verso termina com ponto de exclamação. Na versão que a precede, na carta a Manuel Bandeira citada, este e o verso anterior são: “Preta gorda manquitola, era ver peixe-boi./ Felizmente velho já morreu faz muito”.

[245] Na carta de MA a Bandeira não há este verso. Na versão divulgada em *Terra roxa e outras terras*, o verso é: “Então principiaram a falar que a iara cantava, era moça,”.

[246] Na versão em *Terra roxa e outras terras*: “Cabelos de limo esverdeado do rio”.

[247] O poema sai no *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre em 21 de novembro de 1931, sob o título **D**IE **S**AGE VOM **H**IMMEL, vertido por Ignez Teltscher (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[248] Poema publicado em *Planalto*, a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[249] Antônio Bento de Araújo Lima (1902-1988). Jornalista e crítico de arte paraibano, residente no Rio de Janeiro a partir de 1923. Ciceroneou MA em sua viagem de Turista Aprendiz ao Nordeste, entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, facilitando-lhe o contato com os cantadores (V. *O Turista Aprendiz*. 2ª ed., estabelecimento de texto, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983).

[250] No exemplar de trabalho de *Clã do jabuti*, MA corrige, a grafite, “morte” para “morto”, correção incorporada em *Poesias*, 1941.

[251] Este verso que fecha a estrofe foi omitido na publicação do poema em *Planalto*, quebrando o ritmo.

[252] Mário Pedrosa (1900-1981). Crítico de arte

[253] A primeira versão do poema sai sob o título **M**OMENTO em *Letras Novas*, a.1, nº 4-5, Natal, outubro-novembro de 1925; mostra variantes, no confronto com o

texto em *Clã do jabuti*, em 1927. Poema não incluído na parte “Prisão de luxo” de *Poesias*, em 1941

[254] Em *Letras Novas*, está: “De já-hoje quando a noite agarrou a empurrar a luz quente pra trás do horizonte”.

[255] Em *Letras Novas*, o verso 10 é: “Se boia, se conversa sossegado.”, seguido dos versos: “Diário da Noite!.../ A Folha!...”, cortados em *Clã do jabuti* e consequentemente em *Poesias*, 1941.

[256] Na versão de 1925: “Reparando no sossego da sua cidade natal.”

[257] MA envia a Manuel Bandeira, em uma carta de [outubro de 1924], variante da primeira estrofe: “Gonçalo Pires tem uma cama,/ Nesta cidade não há mais nenhuma!/ Gonçalo Pires se dá um estadão:/ Só ele em São Paulo dorme gostoso/ Em traste bonito, de estimação” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 142). Na carta de 22 de outubro [de 1924], MA apresenta a Anita Malfatti outra versão, com variantes, datada do dia 13 do mesmo mês -

BALADA DA CAMA DE GONÇALO PIREES/ SÉCULO XVII (V. Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 89-90; fac-símile no P OESIAS INÉDITAS E

ESPARSAS: 3. P OEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE).

[258] Publicado em *Planalto*, a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942, com variantes na quebra das estrofes (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[259] Ronald de Carvalho (1893-1935). Poeta e ensaísta carioca; apresentou-se na Semana de Arte Moderna em 1922. Publicou *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), *Toda a América* (1935) e *Jogos pueris* (1926), poesia, além dos *Estudos brasileiros*, 1ª série (1924) e da *Pequena história da literatura brasileira* (3ª ed., 1925-1926), obras com dedicatória na biblioteca de MA

[260] De Araraquara, em 26 de junho de 1925, MA escreve a Luís da Câmara Cascudo enviando este P OEMA ACREANO (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010, p. 48).

[261] Na versão enviada a Cascudo, este verso e o anterior são: “De supetão senti uma friagem por dentro/ Fiquei tremendo muito comovido”

[262] Poema publicado na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 1ª série - ANTOLOGIA DA P OESIA - 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[263] Capa e edição de MA nas Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo, em São Paulo, 1930. O título advém de um vilarejo na Amazônia visitado pelo escritor em sua viagem ao Norte, em 1927 (V. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit., p. 100-111).

[264] Poema também publicado na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 1ª série - ANTOLOGIA DA P OESIA - 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[265] Adotada a versão em *Poesias*, 1941; na edição *princeps*, de 1930, o verso é: “Mas um dia afinal eu toparei comigo...”.

[266] Versão anterior do poema publicada em *Estética*: revista trimestral, a. 1, nº 1, Rio de Janeiro, setembro de 1924, p. 12-22. No volume encadernado, que reúne os três números do periódico, os exemplares exibem, nas margens, notas do escritor discutindo artigos alheios, e rasuras nos textos de sua autoria, configurando exemplares de trabalho. Em DANÇAS, na revista carioca, as rasuras

criam outra versão do texto que se torna ponto de partida para a versão em *Remate de males*. Na presente edição de *Poesias completas*, as notas de rodapé registram essas rasuras e as principais variantes entre a versão de 1924 e a de 1930; não se ocupam de diferenças na pontuação, na quebra de versos ou de estrofes e no uso de maiúsculas em início de verso. Importante, no longo poema de MA, a disposição gráfica com a qual os versos mimetizam o movimento.

[267] Dedicatória em *Estética* e em *Remate de males*; em *Poesias* (1941), “a Baby”. Baby de Almeida (Belquiz Barrozo do Amaral de Almeida, 1901-1988), esposa de Guilherme de Almeida, nome importante no modernismo do decênio de 1920.

[268] Seguindo a primeira edição em *Remate de males*, mas com diferença na quebra de estrofes e na pontuação, o poema sai na **A**NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA – 1ª série – **A**NTOLOGIA DA **P**OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47-48 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[269] Da tiragem de *Poesias*, em 1941, pela Livraria Martins Editora, MA separou um exemplar cujo texto impresso rasurou a tinta preta, possivelmente em 1943. Nesse ano, ele reelabora os poemas para *Poesias completas*, volume II de suas Obras Completas, projetadas pela mesma editora paulistana e por ela publicado postumamente em 1955. O exemplar de trabalho traz, na falsa página de rosto, a assinatura “Mario de Andrade” ao lado de: “Exemplar de Trabalho” e “Erros tipográficos: p. 135”. A presente edição acata a correção no verso 12 (corte da letra d, isolando artigo) – “Só nas meias do dia-santo é quotidiano!”. Verso

corrigido na **A**NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – **A**NTOLOGIA DA **P**OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[270] Na revista *Estética*: “Mãos,/ E pés,/ Músculos,/ Cérebro...”; no exemplar rasurado por MA, chave a grafite abarca os versos e determina: “um verso só”.

[271] No periódico carioca: “Muito de indústria eu me fiz careca”.

[272] Em 1924, em *Estética*: “Quem disse que eu não vivo satisfeito?”.

[273] Em *Estética*: “Todos os homens vão ao cinema”; possível “correção” pela revisão da revista, não flagrada pelo escritor em seu exemplar de trabalho do poema.

[274] No número inaugural de *Estética*: “Há muito canto onde esconder”; em seu exemplar de trabalho do poema, MA substitui, a grafite, “Há” por “Tem”.

[275] Verso excluído na **A**NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – **A**NTOLOGIA DA **P**OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[276] Em setembro de 1924, *Estética* traz: “Banquetes/ Orquestras”. Acatadas a disposição e a pontuação dos versos 34-35 na edição *princeps*, que privilegia a figuração gráfica da dança na estrofe, e a repetição das reticências (v. 29, 35-36), sem alterar o número de versos. Em 1941, os versos 34-35 tornam-se um: “banquetes, orquestras”.

[277] Aqui a numeração foi suprimida para evitar uma leitura equivocada do verso que se inicia com algarismos.

[278] Em *Estética*: “- Mário, deixa-me dormir!”; substituição a grafite por MA, em seu exemplar de trabalho do poema, atingindo a forma verbal.

[279] Apesar de substituir “para” por “pra” no seu exemplar trabalho de *Estética*, em *Poesias* (1941) vigora a forma “para”, acatada na atual edição de *Poesias completas*.

[280] Em *Estética* está: “Tosses até não poderes mais”; em seu exemplar de trabalho do poema, na revista, MA impõe substituição que perdura em *Remate de males* (1930) e em *Poesias* (1941).

[281] Acatada de *Poesias* (1941) a substituição do ponto de exclamação que fecha o verso; na publicação em *Estética* (1924) e em *Remate de males* (1930): “O mundo não vê!”.

[282] Obedecida a versão de 1941, em *Poesias*, que substitui a vírgula pelo ponto final.

[283] Adotada a substituição impressa em 1941; em *Estética* e na edição *princeps*: “Viena dança,”.

[284] Em *Estética*: “Fala francês, e te entenderão!”.

[285] Em 15 de novembro de [1923], em carta a Manuel Bandeira, MA reúne em uma estrofe esta e a anterior, precedidas do comentário: “Acabei um poema. ‘Danças’. Se encontrares o Guilherme [de Almeida] aí no Rio, poderás ler o poema que com ele está a única cópia que fiz. Prego agora a filosofia do dar-de-ombros. Tem esse versinho que resume todo o meu atual cinismo filosófico” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 104).

[286] No seu exemplar de trabalho do poema, em *Estética*, MA substitui, a grafite, “há” por “tem”, neste verso e no anterior; a substituição não perdura, nas versões publicadas em livro.

[287] Em 1924, na versão publicada em *Estética*: “Compro a *Revista do Brasil*”.

[288] Na revista *Estética* está “cuspir”, forma culta substituída por “guspír”, da linguagem informal.

[289] Em *Estética*: “Há terras incultas além, para longe...”; substituição no exemplar de trabalho do poema, na revista de MA

[290] Em *Estética*: “Há feras terríveis nas terras incultas”; substituição no exemplar de trabalho do poema, na revista de MA.

[291] Na versão em *Estética*, este é precedido pelo verso “O mel nacional é perfume e alimenta.”, suprimido na versão em *Remate de males*, 1930.

[292] Na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 46, o verso é: “Ora a árvore que cai”.

[293] Em *Estética*: “Os caaporas galopam nas ancas das antas”.

[294] Na revista *Estética*: “A Vitória Régia oscila balouçante nas vagas indecisas”.

[295] Em *Estética*, segue-se este grande verso: “Infelizmente há também os tratados políticos. O Brasil se obstina em cumpri-los. País idealista! Rondon passou rasgando a terra virgem. O telégrafo corta agora as paisagens incultas, trazendo notícias europeias: ‘Inventa-se o Dadaísmo’; ‘Aragon escreve *Anicet*’; ‘*Der Sturm* inebria a Alemanha’; ‘Em Moscovia o teatro popular é cubista’; ‘Ultraísmo em Madrid’... Chassé! En avant! En arrière! Balancé! Tour!... Em São Paulo sabe-se vagamente que há terras incultas ao longe. Mas quem as visitou?”

Ninguém. A confusão é enorme”. Em seu exemplar da revista, MA reescreve o verso, instaura duas substituições: “Moscou” para “Moscovia” e “a gente sabe vagamente que tem terras incultas longe. Mas quem é que foi lá?”, para o segmento final que, na versão em *Remate de males* é transformado em 3 versos.

[296] Na revista *Estética*: “Recomeça a quadrilha...”.

[297] Em *Estética*: “Ponho-me a dançar”.

[298] Em seu exemplar de trabalho do poema em *Estética*, MA determina a supressão do destaque: “(letras iguais às outras)”; não confirmada em *Remate de males*.

[299] *Estética* apresenta este verso sem o conetivo que o inicia e, em seguida, o verso: “Lembras o anúncio do ‘EU ERA ASSIM?’”. Em seu exemplar de trabalho do poema, na revista, MA destaca com um retângulo a parte final do poema desde “A vida é assim”, e exclui o verso “Lembras o anúncio do ‘EU ERA ASSIM?’” e anota: “Tirar o verso riscado”.

[300] Na revista *Estética*: “Eu danço... Eu não sei mais chorar!”.

[301] Em *Poesias* (1941), a dedicatória é “a Eugênia Álvaro Moreira”, declamadora da poesia modernista (1898-1948), esposa de Álvaro Moreira (1888-1964), poeta, jornalista, dramaturgo e fundador do Teatro de Brinquedo, no Rio de Janeiro. MA, em 31 de agosto de 1929, publica no *Diário Nacional*, a crônica EUGÊNIA (V. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 145-146).

[302] Em carta [anterior a 13 de setembro de 1925], MA envia a Manuel Bandeira versão da “poesia inicial do ‘Ciclo da Maria’” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 234-235). *Poesias* (1941) exclui a numeração do título nos poemas do “Tempo da Maria”.

[303] Em 1941, *Poesias* anula a cacofonia – “De não gostar sinão duma...” – , da versão remetida a Bandeira e da edição *princeps*.

[304] “E encabulado descanta”, na versão dada a Bandeira.

[305] O verso em 1930 é “Que enche a boca de Graça Aranha?”. Preferida a substituição que, em 1941, reconhece o passado, anulando a ironia.

[306] Este verso se desdobra em BARRADAS, de 1926, no conjunto de poemas inéditos oferecido por MA a Oneyda Alvarenga (P OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 1. P OEMAS EM

CONJUNTOS REUNIDOS POR MÁRIO DE ANDRADE)

[307] Em carta datada de 30 de novembro de 1925, MA remete a Anita Malfatti, sob o título C ANTIGA DO A II DESABALADO, versão com variantes na pontuação e 14 dísticos ao invés de 12, em *Remate de males*, 1930. (Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 108-109).

[308] “É a boca-da-noite que virou mulher!...”, na versão presente na carta de MA a Anita Malfatti.

[309] Acatada a forma do verso em *Poesias*, 1941; na edição *princeps* se lê: “Moçada se amando no imenso Brasil!...”.

[310] A criação dos poemas de T EMPO DA M ÁRIA em 1926 confirma-se na carta de Manuel Bandeira a MA, em 3 de janeiro de 1927, quando o remetente comenta a

LENDA DAS MULHERES DE PEITO CHATO que pertencia, naquele momento, a *Clã do jabuti*, livro publicado em 1927 (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 331).

[311] Em 1930, na edição *princeps* está: “Antes morrer!... Eu me sinto”; acatada a substituição da pontuação.

[312] Preferida a forma “Terra” (nome próprio), da versão de 1930, mais condizente com o espírito do poema.

[313] Em 29 de agosto de 1928, citando este e o verso anterior MA declara a Manuel Bandeira: “E até me agrada isso de destruir agora o ‘Tempo da Maria’, só aproveitando dele um ou outro poema” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 401-402).

[314] Assimilada a rasura à p. 165 do exemplar de trabalho de *Poesias*, 1941, substituição: “de Iguazu...” para “do Iguazu...”, retornando à versão estampada em *Remate de males*.

[315] Poema publicado na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[316] Acatada a substituição nos versos 51-52, presente em *Poesias*, 1941; a forma em *Remate de males*, 1930 – “Não quis mais ler porque livro/Não lhe dá a gostosura” – repete-se na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[317] Cícero Dias (1907-2003). Artista plástico pernambucano. Em 1925, no Rio de Janeiro, inicia estudos de arquitetura e pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Entra em contato com os intelectuais do Rio de Janeiro e os modernistas de São Paulo, dentre eles MA que passa a colecionar suas aquarelas, então o meio de expressão preferido pelo pintor. Na crônica do *Turista Aprendiz* referente a 28 de novembro de 1928, MA defende a pintura de Cícero Dias da pecha de “desenho de criança”, nela salientando “uma fatalidade de expressão formidável cujos valores psicológicos principais são sexualidade, sarcasmo e misticismo. Justamente as coisas que a criança menos possui.” (V. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit., p. 204).

[318] Na carta de MA a Manuel Bandeira, em 11 de maio de 1929, está a versão desta parte, com variantes na pontuação (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 418).

[319] Poema publicado na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 45 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[320] Em *Remate de males*, 1930, o título desta parte é “Marco da viração” e não traz dedicatória. A presente edição acata a dedicatória em *Poesias*, 1941, que se prende ao trajeto das edições. Na carta ao crítico literário e católico militante Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), em 16 de agosto de 1930, MA pede licença para lhe dedicar esta parte do livro (V. FERNANDES, Lygia (Org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 13-16). Mas, em 2 de dezembro do mesmo ano, assim se manifesta para Manuel Bandeira: “[...] tirei do ‘Marco da viração’ a

dedicatória pro Tristão. Essa dedicatória constituiu um caso de consciência pra mim. Tinha medo de prejudicar de qualquer forma a tal irremediável orientação católica dele, eu que nunca sei direito se sou católico, quando ateu me pergunta digo que sou, quando católico pergunta digo que não. Mandeí perguntar, ele respondeu aceitando. Mas isso não tem nada que me explicarei com ele. Além do mais ele voltou à crítica literária e não quero que imaginem que estou amaciando críticos.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 471). A homenagem torna-se, por assim dizer, virtual, pois, na carta de 20 de dezembro de 1930, que acompanha o volume, MA considera: “[...] meu caro Alceu, a parte “Canto [sic] da viração” lhe pertence como dádiva sinceríssima de amigo e admirador, vai sem o nome do presenteado. Mas bons ou maus, consonantes ou não com a orientação social e religiosa de você, esses versos são seus e peço que os considere seus” (V. FERNANDES, Lygia (Org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Ed. cit., p. 19). MA ainda não conhecia José Bento Faria Ferraz (1912-2005), seu aluno no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e seu secretário particular de 1936 até 1945, isto é, até a morte do escritor.

[321] Em 31 de outubro de 1924, MA envia a Manuel Bandeira outra versão do poema, intitulada **M**ATURIDADE (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 142-143). Poema não incluído na parte “Remate de males” de *Poesias*, em 1941.

[322] Na carta a Bandeira, este e o verso anterior são: “Fiquei apenas com o que há de toda a gente em mim/ Doçura de ser pobre assim!...”.

[323] “Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens”, na versão remetida a Bandeira.

[324] Na versão enviada a Bandeira, este e o verso anterior são: “Ficava no chão mole e orvalhado da aurora/ A marca vitoriosa dos meus passos.”.

[325] Na versão remetida ao amigo poeta: “Em partículas de luz áurea e sopro ardente”.

[326] “A terra se enrijou e endureceu.”, na carta a Manuel Bandeira.

[327] Na carta a Bandeira, este e o verso anterior são: “Mas sobre a Terra vasta, a grande Terra silenciosa/ E as árvores crescendo e morrendo na Terra”.

[328] Adotada a substituição do adjetivo que ocorre na coletânea *Poesias*, 1941; em *Remate de males*, 1930, está: “Afugentando a sombra funda das cançadas;”.

[329] A versão de **L**OUVAÇÃO MATINAL, estampada em *Poesias*, perdeu os três últimos versos (v. 74-76) os quais, em *Remate de males*, na edição *princeps* de 1930, figuram no topo da p. 104.

[330] Em carta de 15 de novembro de 1937 a Osório de Oliveira, MA transcreve esta estrofe do poema (V. SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro Modernismo português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 428).

[331] Publicado em *Movimento brasileiro*, nº 11 (Rio de Janeiro, novembro de 1929), com variante na divisão das estrofes e alteração nos versos 8 e 12 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP). Poema não incluído na parte “Remate de males” de *Poesias*, em 1941.

[332] Em *Movimento brasileiro*: “Veio que nem beijo de minha mãe se estou enfezado”.

[333] Em *Movimento brasileiro*: “Cheia de passado e presente, berço nobre em que nasci.”

[334] Poema não incluído na parte “Remate de males” de *Poesias*, em 1941

[335] Em *Remate de males*, 1930, o verso é: “E a florada meridional das estrelas despencando em flor sobre eles!...”; a presente edição acata a substituição operada em *Poesias*, 1941.

[336] Na carta a Alceu Amoroso Lima, em 16 de agosto de 1930, MA transcreve 15 versos deste poema, os quais apresentam variantes, confrontados com os versos 67-81 da versão publicada (V. FERNANDES, Lygia (Org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 15).

[337] O poema mostra-se com variantes, sobretudo na pontuação, no jornal carioca *O Globo*, em 12 de setembro de 1927; na ANTOLOGIA MODERNISTA/ I MANHÃ, no *Diário de Minas* de Belo Horizonte, em 9 de novembro de 1928 (documentos no IEB-USP; na Coleção Carlos Alberto Passos e no Arquivo Mário de Andrade, respectivamente). Está também em recorte da revista *Boa Nova* do Rio de Janeiro, no número de janeiro de 1934, na mesma Coleção, onde se acha, ainda, a versão constante do livro *Remate de males*, repetida em um recorte de *Planalto* (a. 2, nº 16; São Paulo, 1º de janeiro de 1942).

[338] A data desta versão desconsidera, no livro, a versão em *O Globo*, 12 de setembro de 1927.

[339] Em *O Globo* e no *Diário de Minas*: “As sombras se agarrando no folheto das árvores”; na revista *Boa Nova*: “As folhas se agarravam no folheto das árvores”.

[340] Na versão em *Boa Nova* e no *Diário de Minas*: “Uma frescura tão de mão lavada com limão”.

[341] Publicado na ANTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA – I, dedicada a MA, na *Revista Acadêmica*, nº 43, abril de 1939, sem quebra de estrofe (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[342] Na *Revista Acadêmica*: “Numa ternura que não é mais ternura não, é piedade paciente,”.

[343] Em *Remate de males*, 1930, os títulos dos poemas e, neles, certas palavras, têm maiúsculas iniciais; em *Poesias*, 1941, e no exemplar de trabalho, como todos os títulos vêm em caixa alta, o espaço, ao ser reduzido, restringiu o título ao primeiro segmento, acompanhado de reticências: “PELA NOITE...”. A presente edição de *Poesias completas* optou pelo título na edição *princeps*.

[344] Jorge de Lima (1895-1953). Poeta, romancista, ensaísta, artista plástico e médico alagoano radicado no Rio de Janeiro após 1930. Conhece MA em 1927, a bordo do *Pedro I*, quando o modernista paulistano vai ao Norte do país, como Turista Aprendiz. Quando ele se demora no Nordeste, do final de 1928 ao início de 1929, recebeu-o em Maceió. Jorge de Lima está presente no acervo de MA. Na biblioteca, nos livros com dedicatória: *Poemas* (1927), *Mundo impossível do menino* (literatura infanto-juvenil, 1927), *Salomão e as mulheres* (romance, 1927), *Essa Nega Fulô* (poema, 1928), *Dois ensaios* (1929), *Poemas escolhidos* (1932), *O anjo* (romance, 1934), *Tempo e eternidade* (obra que une sua poesia à de Murilo Mendes, 1935), *Calunga* (romance, 1935), *A túnica inconsútil* (poesia, 1938), *A mulher obscura* (romance, 1939) e *Pintura em pânico* (fotomontagens, 1943); na coleção de artes plásticas, nos desenhos *Iemanjá* (1941) e *Dois mulheres com violino* (1942); e no arquivo, em cartas, no manuscrito *Louvado e*

na série de fotomontagens que deu origem ao artigo de MA **FANTASIAS DE UM POETA**, no Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 1ª quinzena de novembro de 1939 (V. PAULINO, Ana Maria (Org.). *O poeta insólito*. São Paulo: Metal Leve/IEB, 1987). As notas de MA à margem de obras de Jorge de Lima deram origem aos artigos dele **A TÚNICA INCONSÚTIL** (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jan. 1939), **A MULHER OBSCURA I – II**, bem como **A POESIA EM PÂNICO** e **A VOLTA DO CONDOR** (“Vida Literária”: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 e 28 de janeiro, 9 de abril e 30 de junho, 1940).

[345] Publicado na **ANTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA – I**, na *Revista Acadêmica*, nº 43; Rio de Janeiro, abril de 1939, como **P OEMA DA AMIGA**, “(1929 – 1930) *Remate de males*” (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[346] Na versão no mesmo número da *Revista Acadêmica*: “Movendo asas azuis dentro da tarde”.

[347] MA publica a parte V sob o título **P OEMA** “(Dos ‘Poemas da Amiga’)”, no *Diário Nacional*, São Paulo, 1º de janeiro de 1930 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[348] Na versão divulgada no *Diário Nacional*, o verso é: “E os homens são todos bons adonde o branco não entrou.”.

[349] No *Diário Nacional*, este verso abre uma terceira estrofe.

[350] Acatada a substituição do verbo, presente em *Poesias*, 1941; em *Remate de males* o verso é: “A nossa gente vai muito sofrer e tenho o coração inquieto”, conforme a publicação em periódico.

[351] O poema sai com alterações na pontuação e na divisão das estrofes, na **ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – 1ª série – ANTOLOGIA DA POESIA – 12**, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 47 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[352] Murilo Miranda (1912-1971). Carioca, cursando a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, funda, em 1939, a *Revista Acadêmica*, periódico voltado para a atualidade nas artes, letras e política, que recebe colaboração estrangeira e acolhe textos dos principais nomes do Brasil, incluído MA. Trabalha com Max Fischer na Americ-Edit, onde segue de perto a publicação de *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*, de MA. Aconselhando-se com este experiente bibliófilo, funda a editora da *Revista Acadêmica*, voltada para tiragens especiais, como *Mangue*, de Lasar Segall. Nesse livro de desenhos, o prefácio é de MA. Além de poemas na *Revista Acadêmica*, Murilo Miranda figura na *Antologia dos poetas bissextos*, de Manuel Bandeira.

[353] Acatada a divisão estrófica marcada pelo escritor em seu exemplar de trabalho de *Poesias*.

[354] Poema publicado na 2ª fase de *Festa: revista de arte e pensamento*, a.1, nº 8; Rio de Janeiro, maio de 1935, p. 11.

[355] Na revista *Festa*, a ideia se divide em dois versos: “É fato, muitíssimas/Vezes ela prende”.

[356] Na revista *Festa*, o verso é: “A cara fremente”.

[357] *Festa*, revista do modernismo carioca, traz: “A esta virgindade”.

[358] *Festa* finaliza o poema com exclamação e reticências.

[359] O poema mostra-se sem título e em versão com variantes na pontuação, em 10 de dezembro de 1928, no diário do Turista Aprendiz (V. ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. 2ª ed.; estabelecimento de texto, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 220-221).

[360] N' *O Turista Aprendiz*, o verso: "Prenda minha," figurava entre os atuais versos 9 e 10; excluído em *Poesias*, 1941.

[361] Em 10 de dezembro de 1928, no diário do viajante, o verso é: "Lá fora a bulha vasta da cidade".

[362] No diário do Turista Aprendiz: "Ao som dum gramofone blue".

[363] Em *Poesias*, 1941, MA apõe a data 1929 a M_{OMENTO}. O poema, em versão com variantes intitulada C_{REPÚSCULO}, é enviado a Manuel Bandeira na carta de 11 de maio de 1929 (V. P_{OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS}: 3. P_{OEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE M_{ÁRIO DE A}NDRADE). Sob o título C_{REPÚSCULO URBANO}, outra versão sai na revista carioca *Bazar*, em 21 de outubro de 1931. Em 1º de janeiro de 1942, *Planalto* (a. 2, nº 16; São Paulo) absorve a mesma versão do poema no livro (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).}

[364] Em C_{REPÚSCULO URBANO}, o verso é: "O mundo se diluindo claro em vultos roxos".

[365] Na versão do poema, em *Bazar*, se lê: "Plange mansinho os ventos em molambos..."

[366] C_{REPÚSCULO URBANO} não traz os versos 8-10: "Ôh, que pra lá da serra caxingam os dinossauros!// Em breve a noite abrirá os corpos,/ As embaúbas vão se refazer..."

[367] Em julho de 1934, no número que inaugura a 2ª fase de *Festa*: revista de arte e pensamento, do Rio de Janeiro, o poema dispensa a primeira divisão nas estrofes e mostra variantes na pontuação.

[368] No periódico: "Que até o olhar se fechou."

[369] Publicado na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, nº 45, em agosto de 1939 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[370] Na *Revista Acadêmica*: "Com meus passos trazidos pelo fogo do Batatão..."

[371] No periódico carioca: "E enroupei de acerba seda o verde do meu dizer."

[372] No periódico, o verso termina sem a palavra "viadutos".

[373] Na *Revista Acadêmica*, os versos 13 a 16 não trazem pontos de interrogação.

[374] O verso, na *Revista Acadêmica*, termina sem o segmento final: "e notícias".

[375] No periódico carioca: "Mas eu venho das altas torres, trazido ao facho do Batatão,"

[376] Na revista: "Lábios! lábios pro encontro em que cantareis rapidamente,".

[377] João Condé conservou o autógrafo de versão rasurada deste soneto, com assinatura e a data "S. Paulo 27-XII-1933", divulgando o fac-símile nos Arquivos Implacáveis, na revista carioca *O Cruzeiro* de 7 de maio de 1955 (V. D_{OSSIÊ}: E_{DIÇÕES}

E MANUSCRITOS: 1. M_{ATÉRIA CONCERNENTE AOS LIVROS PUBLICADOS POR M_{ÁRIO DE A}NDRADE).}

[378] No fac-símile publicado na revista: "Eu nem sei mais se gozo porque o gozo".

[379] O fac-símile do manuscrito autógrafo publicado em *O Cruzeiro* exibe a hesitação entre três soluções para o verso: “Disso, eu me engano e torno a me enganar. Eu ouso.”; “Disso, persisto em me enganar... Eu ouso.” e “Disso, eu insisto em me enganar... Eu ouso.”

[380] Rasura: substituição no autógrafo: “eu adorei”, por “só busquei”.

[381] Publicado na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, nº 28, em junho de 1937 (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[382] O verso termina em reticências na revista.

[383] Na *Revista Acadêmica*: “Espalha os trombones das nuvens no azul”.

[384] No periódico, o verso é: “Que estoura dos grotões da terra humana”.

[385] A data “21-XII-37” está no fac-símile do autógrafo assinado “Mario de Andrade”, assim como a dedicatória “A O.P.” e variante no início do verso 6 –

“Nasce em teu corpo nu de adolescente” –, na **A**NTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

– 1ª série – **A**NTOLOGIA DA **P**OESIA – 12, no Suplemento Literário de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943, p. 48 (v. **D**OSSIÊ: **E**DIÇÕES E MANUSCRITOS: 1. **M**ATÉRIA CONCERNENTE

AOS LIVROS PUBLICADOS POR **M**ÁRIO DE **A**NDRADE). A variante no verso 6 repete-se na versão impressa na *Revista Acadêmica*, nº 33, em março de 1938. Nesta, sob o título

DOIS SONETOS, o texto, datado de 1938, exibe também variantes na pontuação;

apresenta-se ao lado de **T**ENTAÇÃO, 1916 (v. **P**OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 1. **P**OEMAS EM CONJUNTOS

REUNIDOS POR **M**ÁRIO DE **A**NDRADE; Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[386] O verso, na *Revista Acadêmica*, principia sem reticências.

[387] Na versão estampada na *Revista Acadêmica*, o verso é: “Nasce em teu corpo nu de adolescente,”.

[388] Publicado com o título **C**ANTADAS, na *Revista Acadêmica*, nº 39; Rio de Janeiro, setembro de 1938; estrofes numeradas em algarismos romanos (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP). Em 6 de outubro de 1938, na carta a Paulo Duarte, MA copia os quatro últimos versos do poema com o comentário: “no mês passado fiz uma poesia, sobre o Rio, de puro entusiasmo pélico (de pele). Não vale nada, mas tem pelo menos quatro versos e um neologismo que justificam tudo [...] Como é que ninguém ainda não descobrira que a palavra ‘guanabaras’ significa todas as espertezas pélicas (de pele) provocadas pelo contato da natureza facilitadora, é que não sei.” (DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. 166).

[389] A revista publica outra versão: “Via-látea realeza”.

[390] Em 2 de dezembro de 1938, MA envia a Oneyda Alvarenga a versão, com variantes, datada de “6-XI-38”: “Começo eu, mandando aqui o único poema que fiz depois das guanabaras que você gostou. Deste gosto menos e o Manú gostou pouco. Ainda não tem nome. [...] o Manuel não gosta muito, acha que tem muito pra corrigir (também acho) e prefere sem as duas estâncias do fim, contra o meu voto. O Manuel não gosta dessas tiradas meio demagógicas, mas eu gosto, é do meu feitio. Proponha coisas, mostre pro Fernando [Mendes de Almeida] e me mande a opinião de vocês dois” (V. ALVARENGA, Oneyda (Org.). *Cartas Mário de Andrade/ Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p.

158-159). Sob o título **L**UAR DO **S**ERTÃO, o poema sai em revista não identificada (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[391] Na versão com Oneyda Alvarenga esta estrofe e a seguinte terminam com o refrão: “É o luar! é o luar!”.

[392] Na carta à discípula: “Trepado no altar?...”.

[393] “E estas mãos irriquietas”, na versão da carta a Oneyda.

[394] “Esquecendo de amar!...”, na carta.

[395] Na versão com Oneyda: “É o luar que inventa as árvores e os morros”.

[396] “Vence as tristezas e os males do mundo...”, na carta à discípula.

[397] Na carta, este verso e o anterior são: “Não acredite não, Pedro Correia,/ Que vais te perder, vais esquecer que nem retrato,”. Na versão publicada na revista não identificada, o verso é: “Que vais te perder, e esquecer que nem estátua,”.

[398] Em 10 de março de 1941, escrevendo a Alphonsus de Guimaraens Filho, MA envia-lhe este poema, então inédito (V. GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Org.). *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 29-30).

[399] MA dedica também a Bandeira o poema **C**ARNAVAL **C**ARIOCA de *Clã do jabuti* (1927).

[400] MA sublinhou a tinta vermelha o primeiro verso nas partes I e II do poema, no exemplar de trabalho de *Poesias*, 1941, para ligá-los à análise da própria criação que desenvolve, a tinta preta, no espaço em branco da p. 265 e no verso dela. (V. DOSSIÊ: **E**DIÇÕES E MANUSCRITOS: 1. **M**ATÉRIA CONCERNENTE AOS LIVROS PUBLICADOS POR **M**ÁRIO DE **A**NDRADE).

[401] Na **A**NTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA – I, dedicada a MA na *Revista Acadêmica*, nº 43, em abril de 1939, está sob o título **P**OEMA DO IRMÃO PEQUENO “(1931, do *Rito do Irmão Pequeno/ Publicado na Homenagem a Manuel Bandeira*)”, (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP)

[402] Em 17 de junho de 1941, MA relata a Murilo Miranda: “Você vai ter uma surpresa desagradável, mas tive mesmo que mudar definitivamente a dedicatória do **G**IRASSOL DA **M**ADRUGADA. Tenha paciência mas não posso mesmo dedicar esse poema senão a quem o inspirou. Tanto mais que se puser o R. G. das iniciais, há duas cartas minhas a amigos que poderão futuramente identificar essas letras. Não sei ainda se porei as iniciais ou deixo o poema sem dedicatória. Mas decididamente não posso dedicar esses versos a outra pessoa, me causa transtorno psicológico muito desagradável” (V. ANTELO, Raúl (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda* (1934-1945). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 84).

[403] Lúcio do Nascimento Rangel (1914-1979). Advogado e editor, integrava o grupo de estudantes de Direito que, com Murilo Miranda, editava, no Rio de Janeiro, a *Revista Acadêmica*.

[404] O estabelecimento do texto pautou-se pela última versão em datiloscrito na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do poeta, assim considerada no confronto com cinco versões, ali presentes. A elas se pode somar a versão anterior à primeira conhecida, apenas mencionada na carta de MA a Carlos

Lacerda, em 5 de abril de 1944 (V. FERNANDES, Lygia (Org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José, s.d., p. 83-93).

[405] Carlos Lacerda (1914-1977). Escritor e jornalista carioca, destacou-se, sobretudo, no cenário político brasileiro. Acadêmico de Direito, no Rio de Janeiro, integrou a revista *Rumo* e a Sociedade de Observação Social (SOS), entidades a cujo convite MA realizou a conferência *O sequestro da dona ausente*, em 1933, na Casa do Estudante do Brasil. Um dos fundadores da *Revista Acadêmica*. Ao lado de Moacir Werneck de Castro e Murilo Miranda, compôs o grupo de jovens amigos que acompanharam de perto a permanência de MA no Rio, entre 1938 e 1941, mantendo com ele longas discussões sobre o compromisso social e político dos intelectuais. Nessa época, Lacerda pediu a MA a leitura de textos seus – poemas, a narrativa *O quilombo de Manuel Congo*, assim como as peças de teatro *O desafio da adolescência* e *Rio*, em manuscritos hoje no arquivo de seu leitor. Exemplares de *Rio* e *O quilombo de Manuel Congo*, com dedicatória a MA, estão na biblioteca deste, no IEB-USP.

[406] No manuscrito datiloscrito está a hesitação do escritor: “honour (honra)”. A presente edição preferiu “honour”.

[407] A primeira versão conhecida desta parte é o poema **M**ONÓLOGO, na carta de MA a Manuel Bandeira, em 27 de dezembro de 1929, com variantes na pontuação e nos quatro versos finais – “Crise, mulheres, cinema/ E a p... que te pariu./ Não insista mais, ouviu?/ Sou desgraçado. Não fumo.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 436). A versão desta parte, como a primeira, **A**MARGURA, em Epigramas políticos, no manuscrito *Cantos de Guerra*, traz variantes na pontuação e nos versos (V. **P**OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 5. **P**OEMAS INÉDITOS E DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA).

[408] Em *Epigramas políticos*, no manuscrito *Cantos de Guerra*, o verso é: “Basta nazismo, trotsquismo.”

[409] “Não insistas mais, ouviu?” está em *Epigramas políticos*, no manuscrito *Cantos de Guerra*.

[410] A primeira versão conhecida desta parte é **V** - **D**ESPEDIDA **S**ENTIMENTAL, em *Epigramas políticos*, no manuscrito *Cantos de Guerra*, com variantes na pontuação (V. **P**OESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 5. **P**OEMAS INÉDITOS E DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA).

[411] O estabelecimento do texto acatou a última versão dos poemas no manuscrito *Lira paulistana*. No Arquivo Mário de Andrade, este dossiê é o único, na obra do poeta, que conserva praticamente a totalidade das fases da escritura. Ao falecer em 25 de fevereiro de 1945, MA trabalhava os textos e aparentemente nada descartou.

[412] Verso grafado: “Nossa primavera louca” no manuscrito datiloscrito do conjunto de poemas d’*A Lira paulistana*, enviado por MA a Carlos Drummond de Andrade, em carta de 30 de junho de 1944. O confronto desta versão, presente no arquivo do poeta, na Fundação Casa de Rui Barbosa, com a última versão, conservada no arquivo de MA, mostra sequência diferente nos títulos e poucas variantes nos textos; não inclui **A**MEDITAÇÃO SOBRE O **T**IETÉ.

[413] No conjunto de poemas enviado a Drummond, em 30 de junho de 1944, o início do verso apresenta como variante o plural: “Divórcios”.

[414] No conjunto de poemas enviado a Drummond, em 30 de junho de 1944, este verso é: “Oh, Sérgio, Oneida, Tarsila, me fechem a boca,”.

[415] No conjunto de poemas enviado a Drummond, em 30 de junho de 1944, este verso é: “Macios”.

[416] No conjunto enviado a Drummond, o poema apresenta variante na disposição das estrofes: a quarta torna-se sexta, a sétima decorre do deslocamento da sexta e a primitiva sétima passa a quarta; o primeiro verso difere na pontuação: “Silêncio em tudo que a música”.

[417] No poema oferecido a Drummond: “Rola em discos sem cessar.”.

[418] No conjunto remetido a Drummond, a variante do verso é: “A advertência dos espíritos”.

[419] Versos 21 e 22 no poema sob a guarda de Drummond: “Paulo Emílio houve um desvio/ Onde o trem descarrilou”.

[420] A variante dos versos 37-38, na versão entregue por MA a Drummond, é: “O arlequim de Tintagiles, Gilda/ Me esconde tudo, não vejo.”.

[421] Como no primeiro verso, a pontuação deste, na versão oferecida a Drummond, difere da última versão no arquivo de MA: “Silêncio em tudo que a música”.

[422] Em 23 de julho de 1944, no corpo de carta a Drummond, está uma versão do poema, com variantes (V. ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. 517-518).

[423] Na carta a Drummond, o verso é: “Insultos, urros, estertores”.

[424] No manuscrito enviado por MA a Carlos Drummond de Andrade, o poema apresenta variantes na pontuação e na quebra das estrofes. MA remete a Manuel Bandeira outra versão, *ROMANCE*/ (de *A Lira Paulistana*), datada “São Paulo, 5-VIII-1944”, com a ressalva: “Esta versão não é/ a definitiva”, na qual no primeiro e terceiro versos usam o verbo “contar” (V. Arquivo Manuel Bandeira, Fundação Casa de Rui Barbosa).

[425] Na versão dada a Bandeira: “Principiou como findou”.

[426] “Havia de ter, por certo”, na versão na carta de MA a Manuel Bandeira

[427] Na versão na carta a Bandeira: “Um sono brutal prostou.”.

[428] “Havia de ter, por certo”, na versão enviada a Manuel Bandeira.

[429] “Por trás do plano, pensou.”, na versão oferecida a Bandeira.

[430] Na carta a Bandeira o verso é: “Sim, fraco, idiota, besta,”.

[431] Na versão do poema entregue a Drummond, o verso torna-se “Como esses nomes de rua”, mediante rasura a tinta.

[432] Em 5 de agosto de 1944, MA envia a Paulo Duarte versão com variantes (V. DUARTE, Paulo. Op. cit., p. 279).

[433] Na carta, o verso é: “No Paiçandu ponham meu sexo,”.

[434] “Meu nariz deixem nos rosais”, na versão confiada a Paulo Duarte.

[435] Em 23 de julho de 1944, MA envia a Drummond três versões da estrofe: “1ª versão: Oh vós todos, homens, homens,/ Homens, escravos sereis,/ Se não fordes, todos juntos/ Rei dos Reis.

“2ª versão: Oh vós todos, homens, homens/ O Escravo sempre sereis/ Se hoje ou amanhã não fordes/ Rei dos Reis.

“E em casa, já deitado, depois, que a gramática me sossegou, ainda variei assim, pra não perder a ternaridade transbordante de ‘homens, homens,

homens' que gosto muito: 'Oh vós todos, homens, homens,/ Homens, não mais espereis!/ Sede, não escravos (não o Escravo) mas/ Rei dos Reis.'"

(V. ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. 515).

[436] A carta a Carlos Drummond de Andrade, em 15 de outubro de 1944, abriga versão anterior desta estrofe: "Poeta, como estás sozinho/ A Estação da Luz cinquentenária/ Abre a paisagem ferroviária,/ Graciano vem comigo" (V. ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. 531).

[437] MA falece em 25 de fevereiro de 1945.

[438] Em todas as versões do poema o verso se apresenta com a divisão silábica

[439] Guilherme de Figueiredo (1915-1997) dramaturgo, jornalista, crítico do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, a quem MA enviou poemas de *Lira paulistana*, em fase de elaboração.

[440] Liddy Chiafarelli (1891-1961). Elisa Hedwig Carolina Mankel Chiafarelli Mignone. Professora de piano, filha de Luigi Chiafarelli, maestro e professor no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e mulher do compositor Francisco Mignone. Em 1937, passa a viver com o marido no Rio de Janeiro, onde realiza importante trabalho de formação de professores de iniciação musical. Sua amizade com MA acentua-se quando ele, ao se transferir para o Rio de Janeiro, em 1938, mora, durante algum tempo, no mesmo prédio em que vive o casal. Manteve correspondência com MA após a volta dele a São Paulo, em 1941, acompanhando o trabalho na ópera *Café*. A música a ser escrita por Mignone não se concretizou.

[441] O estabelecimento do texto acatou a última versão conhecida de *Café*, confrontadas as versões existentes no arquivo do escritor.

[442] Em carta de 27 de outubro de 1942, MA envia a Murilo Miranda uma versão primeira desta parte, então intitulada *CORAL DA ESPERANÇA*, determinando-lhe mostrá-la apenas aos "amigos mais íntimos, Moacir [Werneck de Castro] e Carlos [Lacerda]" (V. ANTELO, Raúl (Org.). Op. cit., p. 127-130).

[443] Em 9 de novembro de 1942, MA, escrevendo a Paulo Duarte, sobre a ópera *Café*, apresenta-lhe trecho com variantes: os três versos iniciais desta e os versos da próxima estrofe. Pergunta ao destinatário: "Que acha destes versos? Me parecem dos melhores que já escrevi em vida minha" (V. DUARTE, Paulo. Op. cit., p. 257).

[444] Na carta a Paulo Duarte o verso é: "De cada planta o cafezal destila o veneno verde do ódio". No manuscrito há hesitação entre as formas: "verde" e "grosso".

[445] Na carta está: "Neste momento ele já está vestindo a armadura de ouro e prata".



*O vento corta os seres pelo meio.
Só um desejo de nitidez ampara o mundo...
Faz sol. Fez chuva. E a ventania
Esparrama os trombones das nuvens no azul.*

*Ninguém chega a ser um nesta cidade,
As pombas se agarram nos arranha-céus, faz chuva.
Faz frio. E faz angústia... É este vento violento
Que arrebenta dos grotões da terra humana
Exigindo céu, paz e alguma primavera.*

MOMENTO, 1937